

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade

(Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Duração da prova: 120 minutos
2007

1.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Esta prova é constituída por dois grupos de itens.

O GRUPO I inclui dois itens sobre uma única obra:

Um item de relação entre dois conceitos **ou** de justificação de uma tese;

Um item de análise de texto.

O GRUPO II inclui um item de desenvolvimento de um tema dado, a partir de uma única obra.

GRUPO I

Nesta página encontrará um índice das obras para este grupo.

Selecione **APENAS UMA OBRA** e responda aos dois itens formulados.

Na resposta ao item 1:

- utilize aproximadamente 160 palavras (cerca de 20 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

Na resposta ao item 2:

- utilize aproximadamente 320 palavras (cerca de 40 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

ÍNDICE DAS OBRAS DO GRUPO I

	Página
– O MESTRE, Santo Agostinho	3
– PROSLOGION, Santo Anselmo	3
– O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino	4
– RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura	4
– PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes	5
– CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke	5
– DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz	6
– FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant	6

O MESTRE, Santo Agostinho

1. Relacione os conceitos de mestre interior e de mestre exterior, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão as palavras não são a fonte do conhecimento. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

AGOSTINHO – (...) Com efeito, todas as coisas que percebemos, ou as percebemos pelos sentidos do corpo ou pela mente. Denominamos as primeiras sensoriais; as segundas, inteligíveis; ou, para falar à maneira dos nossos autores, denominamos carnis as primeiras; espirituais, as segundas. Interrogados sobre as primeiras, damos resposta, se estão diante de nós essas coisas que

5 sensoriamos; por exemplo, quando nos perguntam, estando nós a observar a lua nova, qual é ou onde se encontra. Neste caso, se aquele que pergunta o não vê, acredita nas palavras e muitas vezes não acredita; aprender, de modo nenhum aprende, a não ser que também ele veja o que se lhe diz. Se assim for, aprende pelas coisas mesmas e pelos sentidos, e não já pelas palavras que ressoaram, pois as palavras que ressoaram ao que não está a ver são as mesmas que ressoaram ao que está a ver.

10 Quando, porém, somos interrogados, não sobre os objectos que sensoriamos no presente, mas sobre aqueles que outrora sensoriámos, já não falamos então das próprias coisas, mas das imagens impressas em nós por elas e confiadas à memória. (...)

Esses ensinamentos, porém, são para nós. Efectivamente, aquele que ouve, se sensoriou e presenciou essas coisas, não as aprende pelas minhas palavras, mas ele mesmo as reconhece por

15 meio das imagens que traz consigo. No caso, porém, de ainda as não ter sensoriado, quem não compreenderá que ele propriamente não aprende, mas crê nas palavras?

Quando, porém, se trata de coisas que vemos por meio da mente, isto é, por meio do intelecto e da razão, falamos realmente de coisas que contemplamos presentes nessa luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se denomina «homem interior». Mas ainda então o nosso ouvinte,

20 se também ele as vê por meio dessa visão íntima e pura, conhece pela sua contemplação o que eu digo e não pelas minhas palavras.

Trad. António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995, pp. 93-94

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Justifique a tese segundo a qual «Deus existe tão verdadeiramente que não pode pensar-se como não existente», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, esclareça a afirmação: «Não há partes nem em Deus, nem na sua eternidade, que é Ele próprio» (linha 1). Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

XVIII – Não há partes nem em Deus, nem na sua eternidade, que é Ele próprio.

(...) Que és Tu, Senhor, o que És? Que entenderá de Ti o meu coração? Sem dúvida, Tu És a vida, És a sabedoria, És a verdade, És a bondade, És a beatitude, És a eternidade e És o verdadeiro bem. São muitas coisas e o meu estreito intelecto não pode por uma só intuição abranger simultaneamente tanto

5 para, com tudo isso, simultaneamente deleitar-se. Como És todas estas coisas? Porventura são partes de Ti ou antes cada um destes atributos é tudo o que Tu És? Com efeito, tudo o que é constituído de partes não é completamente único mas é, de certo modo, vários e diferente de si próprio e pode ser dividido, ou de facto, ou mentalmente, pelo intelecto. Tudo isto Te é alheio a Ti, *melhor do que o qual nada pode ser pensado*. Portanto, não há em Ti quaisquer partes, Senhor, nem És vários mas És de tal

10 forma algo uno e o mesmo para Ti próprio, que em nada És diferente de Ti próprio; pelo contrário, Tu És a própria unidade não divisível por qualquer intelecto.

Trad. Costa Macedo, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 33-34

V.S.F.F.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Justifique a tese segundo a qual «a alma humana detém o último grau [de perfeição] nas substâncias intelectuais», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. Explícite o significado do primeiro período do texto abaixo apresentado (linhas 1-3). Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

E por isto se vê a razão pela qual o género e a espécie e a diferença se referem proporcionalmente à matéria, à forma e ao composto na realidade, embora não sejam o mesmo que ela. É que nem o género é a matéria, mas é tomado da matéria, como significando o todo; nem a diferença é a forma, mas é tomada da forma, como significando o todo. Por este motivo dizemos que o homem é animal racional, e não constituído de animal e de racional, tal como dizemos que é constituído de alma e de corpo. Diz-se, de facto, que o homem é constituído de alma e de corpo, como uma terceira realidade, que é constituída de duas coisas e não é nem uma nem outra. O homem, efectivamente, não é a alma nem é o corpo. Mas, se se disser que de algum modo o homem é constituído de animal e racional, não o será como uma terceira realidade é constituída de duas outras, mas como um terceiro conceito é formado de dois outros. De facto, o conceito de «animal» exprime a natureza de uma realidade sem a determinação de uma forma especial, pelo facto de ser o material em relação à última perfeição. Por sua vez, o conceito da diferença mencionada, «racional», consiste numa determinação da forma especial. Destes dois conceitos é que se constitui o de espécie ou definição. E, por isso, assim como de uma realidade constituída por outras não se predicam estas realidades que a constituem, assim também do conceito se não predicam os conceitos que o constituem. Na verdade, não dizemos que a definição é o género ou a diferença.

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Edições Contraponto, 1995, pp. 78-79

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. Justifique a tese segundo a qual o conhecimento sensitivo é um conhecimento inferior, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão «todos os conhecimentos servem a teologia» (linha 3). Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

E assim se mostra à evidência como é «multiforme a sabedoria de Deus», ela que nos é luminosamente transmitida pela Sagrada Escritura, se oculta em todo o conhecimento e em toda a natureza. Também se tornou patente como todos os conhecimentos servem a teologia, na medida em que esta assume os exemplos e emprega as palavras pertencentes a todos os géneros de conhecimento. Também se tornou patente como é ampla a via iluminativa, e de que modo no íntimo de tudo o que se sente ou se conhece está latente o próprio Deus. E este é o fruto de todas as ciências, que em todos se edifique a fé, «Deus seja glorificado», se conformem os costumes, se desfrutem as consolações vividas na união do esposo e da esposa, o que se efectua pela caridade, para a qual converge todo o intento da Sagrada Escritura e, por conseguinte, toda a iluminação que desceu do alto e sem a qual é vão todo o conhecimento, porque nunca se chegará ao Filho senão pelo Espírito Santo, que é quem nos ensina «toda a verdade» (...).

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Porto Editora, 1996, p. 27

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

1. Justifique a tese segundo a qual «não podemos duvidar de que existimos quando duvidamos», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, justifique a tese segundo a qual «do conhecimento de Deus chega-se ao conhecimento das criaturas» (linha 11). Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

XXIII – Deus não tem corpo, nem sente como nós, nem quer a malícia do pecado.

Pois certamente existem muitas coisas nas quais, embora não reconheçamos nenhuma perfeição, encontramos todavia algo de imperfeição ou limitação; e, por conseguinte, não podem atribuir-se a Deus. Assim, é certo que Deus não é corpo, dado que, na natureza corpórea, a extensão local implica ao mesmo tempo a divisibilidade, e que ser divisível é uma imperfeição. E embora exista em nós uma certa perfeição, na medida em que sentimos, como, porém, em todo o sentir existe paixão, e padecer é depender de algum outro, de nenhum modo se pode pensar que Deus sente, mas somente que entende e quer; e isto não como nós, por operações de algum modo distintas, mas que tudo entende, quer e opera mediante uma única acção sempre idêntica e simplicíssima. Tudo, quer dizer, todas as coisas, pois ele não quer a malícia do pecado, porque isso não é uma coisa.

XXIV – Do conhecimento de Deus chega-se ao conhecimento das criaturas, recordando que ele é infinito e que nós somos finitos.

Uma vez que Deus é a única causa verdadeira de todas as coisas que existem ou podem existir, é evidente que seguiremos o melhor método de filosofar se tentarmos deduzir do próprio conhecimento de Deus a explicação das coisas criadas por ele, para que assim adquiramos a ciência mais perfeita que é a explicação dos efeitos pelas suas causas. Para que avancemos com cuidado bastante e sem perigo de errar, devemos sempre recordar o mais possível que Deus é o autor infinito das coisas e que nós somos totalmente finitos.

Trad. Leonel Ribeiro dos Santos, Lisboa, Editorial Presença, 1995, p. 67

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

1. Justifique a tese segundo a qual «não posso salvar-me por uma religião de que duvido, por um culto que abomino», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita os fundamentos dos limites de tolerância religiosa do magistrado civil. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

(...) Direis: o magistrado fará, com as forças de que dispõe, o que julgar ser da sua alçada. Dizeis bem, responderei eu. Mas, aqui, investiga-se o modo como bem agir e não o êxito das coisas duvidosas.

Mas, vindo mais ao pormenor, digo: em primeiro lugar, o magistrado não deve tolerar nenhum dogma oposto e contrário à sociedade humana ou aos bons costumes necessários à conservação da sociedade civil. Mas tais exemplos são raros em qualquer igreja. Com efeito, os dogmas que claramente arruinam os fundamentos da sociedade são condenados pelo juízo do género humano; nenhuma seita levaria a loucura ao ponto de julgar que se devem ensinar dogmas em virtude dos quais os próprios bens, a paz e a reputação não estariam em segurança.

Em segundo lugar, um mal certamente mais escondido e mais perigoso para o Estado é constituído por aqueles que se arrogam, para eles e para a sua seita, um privilégio particular e contrário ao direito civil, que cobrem e disfarçam com discursos especiosos. Em lado algum, praticamente, encontrareis pessoas a ensinar crua e abertamente que não é necessária a fidelidade à palavra dada; que o príncipe pode ser afastado do trono por qualquer seita e que o governo de todas as coisas só a eles pertence. (...) Estas pessoas e outras semelhantes, que atribuem aos fiéis, aos religiosos, aos ortodoxos, isto é, a elas próprias, nas coisas civis, algum privilégio e algum poder de que o resto dos mortais não dispõe; ou que reivindicam para si, sob pretexto de religião, certos poderes sobre os homens estranhos à sua comunidade eclesiástica, ou que dela de qualquer maneira se separaram, estas pessoas não podem ter o direito de ser toleradas pelo magistrado; nem também os que não querem ensinar que é preciso tolerar os que entram em dissidência relativamente à sua própria religião. Que outra coisa ensinam estas pessoas e todos os da sua espécie senão que, na melhor ocasião, tentarão usurpar os direitos do Estado, os bens e a liberdade dos cidadãos?

Trad. João da Silva Gama, Lisboa, Edições 70, 1996, pp. 116-117

V.S.F.F.

114/5

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

1. Relacione a explicação da natureza pelas causas eficientes com a sua explicação pelas causas finais, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, mostre que é problemática a tese segundo a qual «a nossa alma pode ser comparada a tabuinhas vazias». Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

XXVII – *Como pode a nossa alma ser comparada a tabuinhas vazias e como é que as nossas noções vêm dos sentidos.*

Aristóteles preferiu comparar a nossa alma a tabuinhas ainda vazias, onde há lugar para escrever, e defendeu que não está nada no nosso entendimento que não venha dos sentidos. Isso ajusta-se mais às noções populares (...). Penso até que se lhes pode dar um bom sentido segundo o qual elas não têm nada de falso, como já notei de que modo se pode dizer com verdade que as substâncias particulares agem umas sobre as outras e, nesse mesmo sentido, pode igualmente dizer-se que nós recebemos de fora conhecimentos pelo ministério dos sentidos, porque algumas coisas exteriores contêm ou exprimem mais particularmente as razões que determinam a nossa alma a certos pensamentos. Mas, quando se trata da exactidão das verdades metafísicas, é importante reconhecer a extensão e a independência da nossa alma, que vai infinitamente mais longe do que o vulgo pensa, embora no uso ordinário da vida se lhe atribua apenas aquilo de que nos apercebemos mais manifestamente e aquilo que nos pertence de uma maneira particular, porquanto não adianta nada ir mais longe.

Seria bom, contudo, escolher termos próprios para cada um dos sentidos, a fim de evitar equívocos. Assim, essas expressões que estão na nossa alma, quer as concebemos ou não, podem ser chamadas *ideias*, mas aquelas que concebemos ou formamos podem ser designadas *noções*, *conceitos*. Mas, como quer que o tomemos, é sempre falso dizer que todas as nossas noções vêm dos sentidos chamados exteriores, pois aquela que eu tenho de mim e dos meus pensamentos e, por conseguinte, do ser, da substância, da acção, da identidade e de muitas outras vem de uma experiência interna.

Trad. Adelino Cardoso, Lisboa, Edições Colibri, 1995, pp. 71-72

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

1. Relacione os conceitos de vontade e de liberdade, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão, ainda que não se pudesse encontrar no mundo qualquer verdadeira virtude, tal facto não seria suficiente para diminuir o valor da moralidade. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Não se pode prestar serviço mais precioso àqueles que se riem de toda a moralidade como de uma simples quimera da imaginação humana exaltada pela presunção, do que conceder-lhes que os conceitos do dever (exactamente como por preguiça nos convencemos que acontece também com todos os outros conceitos) têm de ser tirados somente da experiência; porque assim lhes preparamos um triunfo certo. Quero, por amor humano, conceder que ainda a maior parte das nossas acções são conformes ao dever; mas, se examinarmos mais de perto as suas aspirações e esforços, toparemos por toda a parte o querido Eu que sempre sobressai, e é nele, e não no severo mandamento do dever, que muitas vezes exigiria a auto-renúncia, que a sua intenção se apoia. Não é preciso ser-se mesmo um inimigo da virtude, basta ser-se apenas um observador de sangue-frio que não tome imediatamente o mais ardente desejo do bem pela sua realidade, para, em certos momentos (principalmente com o avançar dos anos e com um juízo apurado em parte pela experiência, em parte aguçado para a observação), nos surpreendermos a duvidar se na verdade se poderá encontrar no mundo qualquer verdadeira virtude. E então nada nos pode salvar da completa queda das nossas ideias de dever, para conservarmos na alma o respeito fundado pela lei, a não ser a clara convicção de que, mesmo que nunca tenha havido acções que tivessem jornado de tais fontes puras, a questão não é agora de saber se isto ou aquilo acontece, mas sim que a razão por si mesma e independentemente de todos os fenómenos ordena o que deve acontecer (...).

BA 26-28, trad. Paulo Quintela, Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 40-41

GRUPO II

- Seleccione uma obra e o tema que lhe corresponde, indicando, **DE MODO INEQUÍVOCO**, a sua escolha.
- Utilize aproximadamente 640 palavras (cerca de 80 linhas), sem contar com o plano organizador. Considere este número como indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

OBRAS	TEMAS
DA NATUREZA, Parménides	Os sinais do ser
GÓRGIAS, Platão	O discurso filosófico como discurso ético
FÉDON, Platão	A filosofia como purificação e como conhecimento
CATEGORIAS, Aristóteles	A classificação da realidade
INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel	Conhecimento científico e filosofia
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental	O homem como ser moral
O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche	O ser e as aparências
DA CERTEZA, Wittgenstein	Saber, conhecimento e reconhecimento
ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty	Filosofia e imunidade literária
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell	Filosofia e ciência
PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho	A saudade enquanto sentimento e a «saudade» enquanto vocábulo
SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger	O carácter discordante da filosofia
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur	Metáfora e símbolo

– Desenvolva o tema correspondente à obra que seleccionou.

Na sua resposta:

- relacione o tema com o horizonte temático da obra;
- integre o tema na estrutura argumentativa da obra;
- avalie o modo como o autor trata o tema na obra.

– Comece por apresentar o plano organizador da sua resposta.

FIM

V.S.F.F.

114/7

COTAÇÕES

GRUPO I

1. 40 pontos

2. 70 pontos

Total do Grupo I 110 pontos

GRUPO II

Item único 90 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

TOTAL 200 pontos

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade

(Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Duração da prova: 120 minutos
2007

1.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

1. CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

- A indicação do número de palavras a utilizar em cada resposta tem carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento pretendido, pelo que não se propõe qualquer penalização pelo incumprimento dessa indicação.
- Como os tópicos de conteúdo relativos a cada item não podem ser exaustivos, serão de aceitar respostas que, revelando conhecimento efectivo da obra em causa, foquem aspectos não previstos mas permitam, igualmente, corresponder ao solicitado.
- Quando, numa resposta, tiver sido atribuída a classificação de zero pontos a todas as competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação, as competências formais devem ser classificadas com zero pontos.

No GRUPO I:

- Se as respostas aos itens 1. e 2. forem relativas a obras diferentes, só será considerada, para efeitos de classificação, a resposta ao item 2.
- Se existirem respostas ao conjunto dos itens 1. e 2. sobre mais do que uma obra, só será classificado o primeiro conjunto de respostas.
- No item 2, a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

No GRUPO II:

- Se o examinando não identificar a obra e se o seu texto não tornar claro a que obra se está a referir, a resposta será classificada com zero pontos.
- A opção por mais do que um tema implica que seja classificada apenas a primeira resposta.

V.S.F.F.

114/C/1

2. CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

Item 1	A – Relação entre os conceitos no contexto da obra OU B – Justificação de teses no contexto da obra		Cotação
	A	B	
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Explicação do significado de cada conceito no contexto da relação	1. Explicação do significado da tese	10 pontos
	2. Caracterização do tipo de relação entre os conceitos (convergência / oposição, interdependência, hierarquia)	2. Exposição de um argumento da obra para fundamentar a tese	10 pontos
	3. Explicação do significado da relação entre os conceitos no contexto da obra	3. Explicação do significado da tese no contexto da obra	10 pontos
Competências formais	4. Organização do discurso (ordem, coerência)		06 pontos
	5. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)		04 pontos

Total do item 1 40 pontos

Item 1 – Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

- O mestre interior é Cristo, luz interior e fonte de toda a verdade. O mestre interior é o único verdadeiro mediador entre o mundo inteligível e o sensível, entre a humanidade e Deus. Por meio da palavra e da prece, apela à descoberta da interioridade no homem.
- O mestre exterior tem como modelo o mestre interior. Serve-se da palavra para ensinar, porém, não é detentor da verdade, nem tem, só por si, o poder de ensinar.
- O mestre exterior pode desconhecer a verdade daquilo que ensina, mas dirige o pensamento para a realidade e exorta ao conhecimento, por meio das palavras.
- O efeito de rememoração das palavras permite ao aluno descobrir a «verdade interior», por meio da qual julga como verdadeiras ou falsas as palavras do mestre exterior.

PROSLOGION, Santo Anselmo

- Deus é o ser maior do que o qual nada pode ser pensado. Logo, pensá-lo como não existente seria pensá-lo como não sendo o que Ele é. Tal pensamento seria contraditório.
- Deus possui existência de um modo mais verdadeiro do que todos os outros seres, tem mais existência do que todos os outros seres e ocupa a posição superior na hierarquia dos seres: pode pensar-se que qualquer ser não existe, mas não pode pensar-se que Deus não existe.

- Deus é o único ser cuja existência está necessariamente contida na sua definição e é «acessível à mente racional», embora a razão não seja a única via de acesso a Deus.
- Deus está no intelecto e na realidade. Aquele que conhece Deus, «que o ama e goza», entende a fé e é feliz.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- As substâncias estão dispostas segundo uma hierarquia real, na qual uma substância é tanto mais perfeita quanto mais se afaste da potencialidade e mais se aproxime do acto puro. As formas mais próximas do primeiro princípio – que é Deus – e mais perfeitas são subsistentes por si mesmas, sem matéria.
- Todas as substâncias criadas estão em potência em relação a Deus, do qual recebem o existir, que nelas é finito e contingente.
- Entre as substâncias criadas, as substâncias intelectuais são as que possuem um grau de perfeição mais elevado, pois são mais acto do que potência. As substâncias intelectuais (isentas de matéria) recebem o seu existir de um ser superior.
- A alma humana, porque apenas se individualiza no corpo, do qual é acto ou forma, ocupa a posição inferior entre as substâncias intelectuais.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- O lume do conhecimento sensitivo é um conhecimento inferior, porque todo o conhecimento sensitivo se realiza com a ajuda da luz corporal.
- Toda a sensação é material, pois não existe sensação fora da matéria. Contudo, não se esgota nela: o acto da sensação é sempre preenchido por um espírito, pelo que existe uma conformidade entre os sentidos corporais e os sentidos espirituais.
- Este lume divide-se em cinco partes, segundo os cinco sentidos. Estes, por sua vez, correspondem aos cinco corpos simples do mundo – os quatro elementos e a quinta-essência.
- Existe uma relação de semelhança entre os objectos sensíveis e os órgãos dos sentidos: é a conveniência ou a semelhança do órgão com o objecto que garante a apreensão.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- Duvidar de tudo aquilo que não é absolutamente certo é condição indispensável para nos libertarmos dos preconceitos que nos desviam do conhecimento da verdade.
- Mas aquele que duvida pensa. E pode pôr tudo em dúvida, excepto que pensa e que, pensando, existe.
- A radicalização da dúvida garante que tudo o que lhe resiste é verdadeiro. «Eu penso, logo existo» é o primeiro conhecimento e o mais certo que se pode ter.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- A salvação é pessoal, apenas pode ser alcançada pela fé e pela religião verdadeiras e pressupõe a autonomia da consciência.
- A salvação não depende da pertença a uma Igreja determinada; apesar de a orientação das almas com vista à salvação ser um fim das Igrejas, a Igreja só pode persuadir de acordo com o Evangelho, sem forçar a consciência individual.
- A simulação da religião, ou a mera conformidade com os ritos e os cultos exteriores, nomeadamente nas coisas que são indiferentes, não conduz à salvação.
- A salvação das almas também não depende da pertença a um Estado, ou à Igreja protegida pelo magistrado, já que o uso da força, prerrogativa do magistrado, é totalmente ineficaz para a conversão e salvação das almas, que não podem ser alcançadas pelo «suplício dos corpos».

V.S.F.F.

114/C/3

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- Tudo na natureza (incluindo a acção humana) pode ser explicado recorrendo apenas às causas eficientes, isto é, com base nas simples leis do movimento.
- Contudo, não se deve prescindir da explicação pelas causas finais, a qual procura entender os fenómenos naturais como produtos da sabedoria divina, tentando descobrir, em cada caso, de que modo um ser sumamente perfeito teria criado o universo.
- Assim, a explicação pelas causas finais não substitui a explicação mecânica, antes a complementa, mostrando como as próprias leis matemáticas do movimento se fundam em princípios metafísicos gerais impostos por «um autor inteligente da natureza».
- O facto de as duas explicações coincidirem sempre testemunha a harmonia preestabelecida entre o reino da Natureza e o reino da Graça, determinada por Deus.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- A vontade «é uma espécie de causalidade dos seres vivos». A vontade é boa quando se determina a si mesma, segundo leis dadas *a priori* pela razão, e escolhe acções objectivamente necessárias e sem influência das inclinações.
- A liberdade é a «propriedade da vontade de ser lei para si mesma». O homem, enquanto membro do mundo inteligível, cria a lei, princípio objectivo determinante da sua acção, que não deriva da natureza do mundo sensível nem de qualquer causalidade estranha à própria vontade: «vontade livre e vontade submetida a leis morais são uma e a mesma coisa».
- A liberdade é o fundamento da moralidade e da autonomia da vontade. A liberdade, enquanto «propriedade da vontade de todos os seres racionais», exige que o ser racional seja encarado como fim em si mesmo.

Item 2	Análise do excerto e fundamentação da análise no contexto da obra	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Exposição dos elementos do excerto que permitem responder ao item formulado (conceitos, teses, argumentos)	10 pontos
	2. Explicação da relação dos elementos do excerto com o item formulado	15 pontos
	3. Selecção dos elementos da obra para fundamentar a análise (conceitos, teses, argumentos)	15 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	07 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Organização do discurso (ordem, coerência)	10 pontos
	7. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	07 pontos

Total do item 2 70 pontos

Item 2 – Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

- As fontes do conhecimento são a sensação e a intelecção: «todas as coisas que percebemos, ou as percebemos pelos sentidos do corpo ou pela mente».
- A sensação é fonte do conhecimento das coisas captadas directamente pelos sentidos corporais. Uma vez percebidos, os objectos são confiados à memória sob a forma de «imagens impressas em nós».
- A intelecção permite a contemplação de verdades, por meio da razão e dos «sentidos da mente».
- Aprende-se «pelas coisas mesmas e pelos sentidos», por ostensão directa e pela contemplação de verdades, por acção da luz do mestre interior.
- As palavras não têm o poder de ensinar, «pois as palavras que ressoam ao que não está a ver são as mesmas que ressoam ao que está a ver». As palavras apenas permitem a rememoração e suscitam a vontade de aprender. O conhecimento das coisas é anterior ao conhecimento do significado das palavras.

PROSLOGION, Santo Anselmo

- Todos os atributos de Deus são, no seu conjunto, uma unidade, e cada um deles é, por um lado, tudo o que Deus é e, por outro lado, tudo o que os seus restantes atributos são.
- Deus é uno, é a unidade de todas as perfeições: a vida, a sabedoria, a verdade, a bondade, a beatitude, a eternidade e o bem.
- Deus é completamente uno, único e idêntico a si próprio. Por isso, é indivisível, pois aquilo ou aquele que possui partes não é completamente único, é diferente de si próprio e é divisível, na realidade ou pelo intelecto.
- «A eternidade de Deus também não tem partes e existe sempre toda», pois Deus existe fora do tempo. Para Deus, não há passado nem presente nem futuro. Ele contém todas as coisas e é anterior e ulterior a todas.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

- Uma substância não é apenas a forma que a determina e a actualiza, nem apenas a matéria, elemento determinável ou potencial, mas sim o composto destes dois elementos.
- A definição e a espécie compreendem a matéria delimitada, designada pelo nome de «género», e a forma determinada, designada pelo nome de «diferença». O género é tirado da matéria, embora não seja a matéria. A diferença é tirada da forma, embora não seja a forma.
- Na definição «o homem é um animal racional», «homem», «animal» e «racional» são, respectivamente, a espécie, o género e a diferença. Dizemos que o homem é um animal racional, mas não dizemos que este é constituído de animal e de racional, porque «animal» e «racional» são «tomados em abstracto».

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

- Todos os lumes ou tipos de conhecimento são vias para a «iluminação da Sagrada Escritura», pois os objectos dos diferentes ramos do conhecimento são símiles a que a Sagrada Escritura recorre para alcançar a união da alma com Deus.
- Todos os seres foram criados por Deus e estão nele como ideias exemplares. Em tudo o que se conhece «está latente o próprio Deus», todas as verdades que as ciências podem alcançar são manifestações do Verbo divino e todas elas visam «a união de Deus e da alma».
- A estrutura da realidade é simultaneamente una e trina, na medida em que cada ser individual é uma imitação e um prolongamento da Trindade. Por conseguinte, «todos os conhecimentos servem a teologia».

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- Como «Deus é a única causa verdadeira de todas as coisas que existem ou podem existir», através do conhecimento de Deus pode chegar-se ao conhecimento das coisas criadas por ele.
- Sendo Deus «sumamente veraz e dador de toda a luz», podemos estar certos de que não nos engana nem é a causa dos nossos erros. Logo, é verdadeiro tudo o que percebemos de modo claro e distinto.
- Percebemos clara e distintamente a ideia de Deus.
- Como ser perfeito, Deus não é nem possui corpo e não sente. É puro entendimento e vontade, exercendo-os sobre todas as coisas, através de uma única acção.
- Entre todas as criaturas, o homem é a única que possui luz natural capaz de lhe proporcionar algum conhecimento dos atributos de Deus, embora as suas limitações o impeçam de compreender as supremas perfeições de Deus.
- Embora não possamos compreender Deus, podemos entender as suas perfeições de modo mais claro e distinto do que entendemos as coisas corpóreas, porque aquelas perfeições não são obscurecidas por quaisquer limitações.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- Os limites da tolerância religiosa do magistrado civil radicam nas próprias finalidades do Estado, que são a protecção e a promoção dos bens civis: a vida, a liberdade, a integridade do corpo e a propriedade de bens externos.
- A soberania do poder civil, que se exerce por meio de leis e de sanções, implica a tolerância religiosa, pois o Estado, ao contrário da Igreja, não tem como função a salvação das almas.
- Porém, o magistrado civil não pode tolerar qualquer prática religiosa que ponha em causa os fundamentos da sociedade civil, ou lhes seja contrária:
 - não pode tolerar aqueles que reivindicam para si direitos, tais como o direito à vida, à liberdade e à propriedade, ao mesmo tempo que, em nome da religião, os negam aos dissidentes da sua seita ou a membros de outras seitas;
 - não deve tolerar todos aqueles que prestam vassalagem a outros príncipes, o que poria em causa a independência e a soberania do Estado.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- Pode comparar-se a alma a uma série de tabuinhas vazias, na medida em que há conhecimentos derivados dos sentidos. São todos os conhecimentos relativos a coisas exteriores que não sejam de ordem metafísica.
- Esses conhecimentos são concebidos e formados pelo homem e designam-se «noções ou conceitos». Mas há também noções – como as de ser, substância, acção e identidade – que vêm da chamada experiência interna e não dos sentidos externos.
- Deus age continuamente sobre o homem, fazendo com que, por seu intermédio, vejamos todas as coisas. Os nossos sentidos são ordenados por Deus, segundo leis que ele estabelece.
- Mas as noções e os conceitos distinguem-se das verdades metafísicas existentes na alma – as ideias –, quer delas o homem tenha ou não consciência. Neste caso, é manifestamente errado afirmar que a alma é como uma tabuinha vazia.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- A experiência não permite distinguir com certeza entre uma acção praticada em conformidade com o dever, por inclinação ou interesse egoísta, e uma acção que «se tenha baseado puramente em motivos morais e na representação do dever».
- O valor moral de uma acção não reside nos seus efeitos, mas sim no facto de ser o puro respeito pela lei que determina a vontade a agir. A lei moral é formal e *a priori* (universal e necessária); uma vontade boa obedece-lhe, independentemente de quaisquer móveis empíricos.

- A exigência e os fundamentos da moralidade são racionais e *a priori*. Residem na universalidade e na necessidade do imperativo categórico, princípio incondicional, cuja validade se estende a todos os seres racionais. O imperativo categórico supõe a autonomia da vontade e a liberdade.
- A vontade autónoma submete-se à lei moral, ao mesmo tempo que dela é autora, participando assim num reino dos fins, no qual cada ser racional é «membro legislador» do mundo inteligível.

GRUPO II

Item único	Desenvolvimento do tema	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação	1. Relação do tema com o horizonte temático da obra	10 pontos
	2. Integração do tema na estrutura argumentativa da obra (relação com conceitos, teses, argumentos)	20 pontos
	3. Avaliação do modo como o autor trata o tema na obra	10 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos teóricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	10 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Adequação do plano organizador à resposta	10 pontos
	7. Organização do discurso (ordem, coerência)	15 pontos
	8. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	09 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

Tema: Os sinais do ser

- Os sinais do ser são consequências do princípio de que o ser é e de que ele e só ele pode ser pensado. O não-ser não é nem pode ser pensado.
- O ser é ingénito e indestrutível, pois supor uma origem para o ser ou supor a sua destruição seria admitir que o ser pode derivar do não-ser ou dar-lhe origem.
- O ser é uno e indivisível, porque é homogéneo e contínuo. O ser não admite o vazio nem intervalos ou partes, é compacto.
- O ser é inabalável e imóvel, pois a mudança no tempo e a mobilidade no espaço implicariam a deslocação para o não-ser.

V.S.F.F.

114/C/7

- O ser é completo, porque não carece de nada, é plenamente ser. Portanto, opõe-se ao não-ser, ao qual tudo falta.
- No espaço, o ser não tem princípio nem fim: «a potente Necessidade o tem nos limites dos laços, que de todo o lado o cercam», pelo que o ser não pode sair de si próprio, «é semelhante à massa de uma esfera bem rotunda».
- Só há um caminho para a verdade: aquele que afirma que o ser é inteiramente e sempre ser, por contraposição à via da aparência, que afirma o dever e a diversidade.

GÓRGIAS, Platão

Tema: O discurso filosófico como discurso ético

- O discurso filosófico baseia-se no conhecimento do bem e pretende educar os cidadãos, formá-los no conhecimento da justiça e na prática da virtude. Consequentemente, o discurso filosófico é ético.
- Como a disciplina e a lei são a ordem e a harmonia da alma, porque tornam os cidadãos justos e regrados, o filósofo fala às almas dos seus ouvintes com a intenção de nelas implantar todas as virtudes e delas expulsar todos os vícios.
- Avesso a toda a adulação, o discurso filosófico é aquele que defende o interesse público e procura melhorar o mais possível as almas dos cidadãos, independentemente de lhes agradar ou não. Sócrates é, portanto, o único que cultiva e põe em prática a verdadeira arte política, porque é o único que funda a sua actividade numa ética.

FÉDON, Platão

Tema: A filosofia como purificação e como conhecimento

- A filosofia é o desejo de recuperar a visão das Formas e uma preparação para a morte: ao longo da vida, o filósofo exercita a separação do corpo e da alma, com a finalidade de a sua alma estar pura quando se libertar completamente do corpo.
- A purificação é a libertação e a separação da alma em relação ao corpo; este é como um cárcere que a impede de desempenhar a sua tarefa mais nobre, o conhecimento da verdade e do bem. Sem purificação, não pode haver conhecimento.
- Em vida, o filósofo adquire conhecimento pela reminiscência: as similitudes entre as coisas sensíveis e as ideias levam a alma a recordar-se destas, cujo conhecimento possuiu antes de se unir ao corpo, esquecendo-o ao ser encarcerada nele.
- Todas as almas são imortais, mas só a alma do filósofo é pura e sábia. Por conseguinte, só ela ascenderá ao mundo das ideias e alcançará a felicidade.

CATEGORIAS, Aristóteles

Tema: A classificação da realidade

- Toda a realidade (o conjunto das coisas existentes) é classificada segundo os critérios de «ser dito de um sujeito» e «existir num sujeito».
- Esta classificação assenta na prioridade ontológica das substâncias primeiras (ou substâncias individuais), pois «todas as outras coisas ou são ditas delas como de sujeitos, ou existem nelas como em sujeitos». As substâncias individuais não são ditas de nenhum sujeito, nem existem em nenhum sujeito.
- As coisas que são ditas de algum sujeito, mas não existem nele, são substâncias universais (substâncias segundas).
- As coisas que não são ditas de nenhum sujeito, mas existem num sujeito, são não-substâncias (acidentes) individuais.
- Quando são ditas de e existem em algum sujeito são não-substâncias (acidentes) universais.
- Tal como as substâncias segundas, também os acidentes dependem ontologicamente das substâncias primeiras: necessitam de uma substância na qual inerem.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

Tema: Conhecimento científico e filosofia

- Filosofia e ciência têm em comum o conhecimento e o pensar. Porém, o objecto da ciência, o fenómeno, é finito e é apreendido pelo entendimento, enquanto o objecto da filosofia, o espírito absoluto, é infinito e é apreendido pela razão.
- As ciências particulares pressupõem os seus fundamentos últimos e os próprios objectos; o seu método pressupõe a lógica e os princípios gerais do pensar.
- As formas de pensamento e os princípios fundamentais, que vigoram nas ciências e que constituem o suporte do trabalho científico, não são específicos das ciências, mas são comuns à cultura de um tempo e de um povo e consistem em representações e finalidades universais que regem a consciência e a vida.
- É tarefa da filosofia mostrar que a verdade é a Ideia ou o universal concreto; ela pretende captar o espírito universal num estágio do seu desenvolvimento e permitir que ele se conheça a si mesmo.
- A filosofia é o espírito do tempo, espírito que se pensa a si próprio.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

Tema: O homem como ser moral

- O homem não é um mero prolongamento do animal: entre o homem e o animal existe uma diferença qualitativa, que é estabelecida pela presença da razão no homem.
- Enquanto ser racional e consciente, o homem é um ser moral; é na consciência que se dissolvem todas as leis naturais e sociais numa lei moral única.
- A lei moral é a expressão da identidade entre vontade e razão, pelo que é a «lei perfeita da liberdade».
- A vontade humana substitui o instinto, procura a justiça e o bem; para ela, a lei moral deixa de ser obrigação, transforma-se em puro querer e exige a renúncia ao egoísmo.
- Enquanto ser moral, o homem dissolve a sua vontade individual na vontade absoluta e identifica-se com ela, o que lhe permite alcançar a vida eterna, a liberdade, a perfeição e a beatitude.
- A virtude é a liberdade suprema, pois o homem virtuoso é aquele que, para conseguir o seu próprio bem, age como instrumento do bem universal.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

Tema: O ser e as aparências

- O ser, a coisa-em-si, ou Uno Primordial, é o movimento, ou actividade de criação e de aniquilação, desprovido de qualquer finalidade ou lei exterior.
- As aparências (o que aparece) não são em si ilusões, são manifestações do Uno Primordial. A relação do homem com o ser faz-se por intermédio da arte, porque esta é uma transfiguração da realidade.
- É na tragédia de Ésquilo e de Sófocles que melhor se manifesta a unidade entre ser e aparência, através da síntese do espírito apolíneo com o espírito dionisíaco. A tragédia permitiu ao grego ver a verdade trágica da existência, da qual não pode deixar de participar e que, ao mesmo tempo, lhe proporciona um sentimento de consolação metafísica.
- O grau com que a verdade do ser é alcançada é a medida do valor de uma cultura. E esta medida revela-nos que houve um empobrecimento histórico da cultura ocidental; o homem teórico destruiu a tragédia, ao tentar explicar a verdade do ser, submetendo-o às leis da razão.

DA CERTEZA, Wittgenstein

Tema: Saber, conhecimento e reconhecimento

- Saber é conhecer com certeza. Essa certeza fundamenta-se em razões que a tornam objectiva, pois baseia-se na experiência própria ou na de outras pessoas.
- Afirmamos «eu sei», porque é do consenso geral que estamos em condições de saber isso que afirmamos. O saber exprime-se através da acção e daquilo que se diz.
- Desde crianças, aprendemos a acreditar, a actuar e a falar de acordo com crenças que não pomos em dúvida. Não aprendemos a formular juízos, mas aprendemos juízos que constituem um sistema no qual as proposições se apoiam mutuamente.
- O sistema de crenças é o quadro dentro do qual pensamos, julgamos, podemos duvidar e construir conhecimentos. Assim, sempre que verificamos alguma coisa, partimos de pressupostos que não são verificados.
- O conhecimento é baseado no reconhecimento: «na raiz de uma convicção bem fundamentada encontra-se uma convicção não fundamentada», ou seja, uma crença ou um sistema de crenças.

ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

Tema: Filosofia e imunidade literária

- Há um certo tipo de filosofia, a do universo académico ou dos grandes sistemas, que deixou de interrogar os homens e, por isso, é criticável. O filósofo «fala à Cidade a partir da Cátedra», mas, enquanto «funcionário» e «escritor», «aquilo que diz entra logo num universo académico onde são enfraquecidas as opções de vida e veladas as oportunidades de pensamento».
- Contudo, a filosofia é exigência de sentido: exclui a contemplação imparcial, é uma procura que desperta o homem para o que há de problemático na sua existência e na do mundo.
- Assim, a filosofia exerce-se no plano da própria vida e passa pela rejeição da neutralidade descomprometida de todos os que se movem no espaço da «imunidade literária». A vida e a morte de Sócrates são interpretadas como o exemplo da ausência de imunidade literária.
- O papel do verdadeiro filósofo consiste em assumir a precariedade da existência: a ironia permite-lhe romper com o saber absoluto e procurar o sentido do acontecer histórico e a ambiguidade da condição humana.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

Tema: Filosofia e ciência

- A filosofia e a ciência não são radicalmente diferentes, já que ambas se propõem conhecer o real e questionar as certezas do senso comum.
- As respostas da filosofia não se podem demonstrar como verdadeiras, nem são respostas definitivas para os problemas que levanta. As respostas definitivas são encontradas pelas ciências particulares e fazem parte delas.
- Os problemas científicos são, à partida, solúveis, enquanto os problemas filosóficos não.
- Enquanto a ciência produz uma descrição categórica do mundo, com efeitos práticos imediatos e úteis, a filosofia, sendo abstracta e teórica, pode produzir conhecimentos sem qualquer utilidade prática imediata.
- A filosofia analisa e elucida os princípios usados pela ciência e pelo senso comum, procurando conferir «unidade e organização sistemática a todo o corpo do saber científico».
- A força da filosofia reside na sua incerteza e no seu carácter crítico, evitando a arrogância dogmática e promovendo a imparcialidade e a liberdade do espírito.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

Tema: A saudade enquanto sentimento e a «saudade» enquanto vocábulo

- A saudade «é uma das maneiras por que a ipseidade de cada um responde ao mundo que o circunda ou à situação em que se encontra». Por conseguinte, todo o ser humano é susceptível de estar saudoso e de ser saudoso.
- Embora a saudade seja mais penetrante em alguns indivíduos do que noutros, o afastamento emocional e o juízo de valor negativo em relação às condições objectivas da existência presente é próprio da natureza da vida emocional e da temporalidade inerente à vida espiritual.
- No entanto, a palavra «saudade» tem um carácter regional, pois apareceu no Noroeste da Península Ibérica, nas regiões de Entre-Douro-e-Minho e da Galiza.
- E é possível radicar a origem da palavra «saudade» na celtização dos povos destas regiões e nos factores históricos que concorreram para a transformação do sentimento terrantês em sentimento nacional, na região de Entre-Douro-e-Minho.
- A palavra «saudade» «exprime não só uma conformação psíquica peculiar a luso-galaicos, mas ainda a tendência a conferir à existência um sentido personalista.»

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

Tema: O carácter discordante da filosofia

- A filosofia caracteriza-se por pôr a verdade em questão. Questiona a essência da verdade, entendendo a essência como coisalidade e a verdade como característica do conhecimento. Questiona também a verdade da essência, entendendo-as respectivamente como palavra e como traço fundamental do ser.
- Ao pôr em questão a verdade, a filosofia recusa toda a autoridade exterior e qualquer submissão do pensamento. A filosofia realiza a sua essência como «conservadora das suas próprias leis».
- A filosofia é pensamento que se exerce contra o modo habitual de pensar – aquele que é específico do senso comum e que faz apelo ao carácter não questionável do ente e interpreta qualquer questão acerca da essência como um ataque ao bom senso, uma inutilidade.
- Contra o senso comum, a filosofia pensa o ser, procurando demonstrar que «a essência da verdade não é uma “generalidade” vazia de uma “universalidade” abstracta, mas sim o Único, que a si mesmo se oculta.» A essência da verdade é liberdade e implica não-verdade. Liberdade é exposição (ek-sistente) ao desvelamento do ente.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

Tema: Metáfora e símbolo

- A metáfora não é, tal como concebia a retórica tradicional, uma mera figura de estilo, um acidente de denominação ou uma deslocação no significado corrente das palavras.
- A metáfora é relativa à semântica da frase, mais do que à da palavra. A metáfora gera um excesso de sentido, pelo que as metáforas genuínas, vivas, não são parafrazeáveis, representando sempre uma inovação semântica, que diz algo novo acerca da realidade.
- O significado da metáfora decorre de uma tensão interna, do conflito entre a função denotativa, ou cognitiva, e a função conotativa, ou emocional, do discurso.
- A teoria da metáfora é o modelo para a compreensão da «estrutura de duplo sentido» dos símbolos. Mas, enquanto o significado da metáfora é puramente linguístico, o símbolo, na sua estrutura expressiva, contém um duplo sentido, semântico e não semântico.
- Existe uma afinidade entre a linguagem científica e a linguagem poética: ambas «visam uma realidade mais real do que as aparências», só alcançada por meio da negação da nossa visão comum e de um desvio da linguagem vulgar.
- A relação entre metáfora e símbolo conduz à aceitação de duas proposições contrárias: «há mais na metáfora do que no símbolo», porque a metáfora traz à linguagem o que permanece obscuro no símbolo; «há mais no símbolo do que na metáfora», porque a metáfora é apenas a superfície linguística do símbolo.